

## ENTREVISTA COM MARIO MONICELLI \*

João André Brito Garboggini

**Pergunta: Por que o Sr. Escolheu o período Medieval para situar os acontecimentos de L'Armata Brancaleone?**

*Resposta: Porque é um período que eu gosto muito, que eu estudei, me ocupei, li muito, pensei sempre. Eu falo do período que se fala da Itália. E que nas escolas, nas universidades, se fala deste período em termos falsos, isto é, segundo as tradições do Roman della Rose, La Table Ronde, etc. E se dava uma visão toda da corte, dos cortesãos, dos castelos, de damas. Entretanto a Idade Média na Itália era selvagem, incivil, era brutal, era...A atividade estava mais na Arábia, no Islã e não na Itália, nem na Europa.*

*Então eu queria fazer uma comédia. E então naturalmente, fazendo uma comédia, um não sério, exagerando numa porção de coisas. Eu fiz este filme para recontar como era a Idade Média, segundo minha visão, ali na Europa e, sobretudo na Itália, inventando também a linguagem. Você sabe, nós fizemos também a linguagem. Porque eles ali não falam italiano. Falam um idioma inventado por mim, por nós que escrevemos o roteiro.*

**P: Como nasceu a idéia de elaborar a língua/dialeto das personagens do filme? Como isso foi feito?**

*R: Do nada, inventamos um pouco nós, um pouquinho, pegamos de uma linguagem italiana antiga dos anos 1000, 1100, depois pegamos os dialetos, você sabe que na Itália existem muitos dialetos. Então, depois usamos um pouco de tudo, mas não existe, nós inventamos para fazer rir um pouco. Os atores diziam aquilo que nós escrevemos. É um italiano inventado. Não se pode dublá-lo. Tem um pouco de latim, um pouco do italiano de hoje: um dialeto de hoje.*

---

\* Transcrição da entrevista realizada com Mario Monicelli em Roma no dia 10/01/2004.

*Palavras que não existem, que nós inventamos. Não há uma versão original em italiano, há aquela versão.*

**P: Quais são as relações entre o filme e a literatura medieval?**

*R: As relações são pouquíssimas, porque a literatura medieval falava de uma Idade Média que não é aquela do filme, é o contrário daquela ali. Era um medieval de princesas, de torneios, todo de castelos, coisas muito românticas...coisas que não eram verdadeiras, que não haviam na Itália. A Itália era aquela outra do filme.*

**P: Há alguma relação entre o D. Quixote e L'Armata Brancaleone?**

*R: Ligações com D. Quixote podem ser também, no sentido de que D. Quixote era uma transposição cômica sobre uma imagem da cavalaria que já havia desaparecido, que não existia mais na Espanha. E então Cervantes retomou uma antiga história de cavalaria dos séculos precedentes para ridicularizar, para fazer rir, nesse sentido tem uma certa relação. Mas não é intencional, sobretudo porque é um período diferente. Porque Cervantes contou sua história, que foi depois da Idade Média, de um louco, que era, então D. Quixote, que queria repetir as histórias da Idade Média passada. Eu fiz o contrário. Conteí uma história mais antiga que a de D. Quixote, mas que também é falsa.*

**P: Como o Sr. vê as relações entre cinema, história e literatura?**

*R: As relações são aquelas, se qualquer um conta as coisas, se tem em mente dizer alguma coisa, pode contá-la seja através da história, seja através de um referimento aos dias de hoje. A literatura é muito importante porque pode-se recolher contos, personagens. Depois quando se escreve um filme, pelo menos eu, uso muito pegar personagens de contos, romances, novelas. Pego também cenas dos romances. Portanto as ligações são muito estreitas. Na Itália não se usa muito. Literatura na Itália para o cinema é pouco usada. No geral os italianos inventam eles mesmos suas histórias para seus filmes. A literatura é pouco desfrutada. Mas, geralmente as relações são sempre existentes. Por exemplo, neste caso de L'Armata Brancaleone, precisa conhecer a fundo a história da literatura italiana do período, digamos medieval, para poder fazer, para inventar*

as coisas, para rir, para as personagens. Enfim, se rouba muito também da literatura.

**P: Há alguma referência à política em L'Armata Brancaleone ?**

*R: O fato é que, por exemplo, na Itália, hoje, se usa muito dizer que um partido, por exemplo, ou uma coalizão é uma Armata Brancaleone. Aquele partido ali: o Partido Socialista é como uma Armata Brancaleone. Se usa nesse sentido. Prá dizer que um grupo pretende uma empresa grande e não é capaz. Nesse sentido, se usa bastante. Se tornou, hoje, na Itália, um pouco, um modo de dizer.*

**P: Não há, talvez, uma referência a Mussolini na figura de Brancaleone?**

*R: Não tanto a Mussolini, pois há toda uma literatura na Itália que vem de muito longe, vem do latim, realmente das comédias de Plauto, onde há sempre um matamoro, enfim, em toda literatura há essa personagem.*

**P: Não há, talvez, uma referência a filmes produzidos durante o regime fascista, como Scipione L'Africano de Carmine Galone e Ettore Fieramosca de Alessandro Blasetti ?**

*R: Em filmes como Scipione L'Africano, há sempre um comandante. No entanto, Scipione L'Africano eles fizeram sério, fizeram, os fascistas, fizeram de modo sério, não fizeram para fazer rir. Faz rir, mas eles não sabiam quando fizeram. Brancaleone pode ser uma caricatura de Scipione e de todos os comandantes, em suma.*

**P: O Sr. é inscrito em algum partido político?**

*R: Não. Fui filiado ao Partido Socialista faz uns vinte ou vinte e cinco anos. Depois deixei de ser.*

**P: Sua ligação com o Partido teve alguma importância na escolhas dos argumentos e temas dos filmes?**

*R: Sim, provavelmente sim, porque eu sempre fui um homem de esquerda, sempre votei nos socialistas ou nos comunistas. Então é certo que tem importância. Sempre escolhi temas que refletissem problemáticas, ambições,*

*etc. que recordassem a esquerda na política da Itália. Importância tem sim, porque eu sou assim, desde quando era rapazinho. A minha família não era fascista.*

**P: Fale um pouco sobre a Revista Caminnare.**

*R: A Revista Caminnare era uma revista que foi proibida pelos fascistas nos anos...que anos?... trinta...trinta e seis, trinta e sete, creio.*

**P: Quem trabalhou com o Sr. nessa Revista?**

*R: Trabalharam Fredda, Alberto Lattuada... Éramos muitos, mas de cinema éramos apenas dois ou três, porque os outros eram filósofos, poetas, cantores, escritores, não eram todos de cinema. Eu escrevia alguns artigos, também a crítica cinematográfica, muito antes de me tornar um cineasta. Foi na época em que fazia o liceu.*

**P: De que maneira sua formação em História e Filosofia contribuiu em sua produção cinematográfica ?**

*R: Contribuiu o fato de que, tanto a História, como conhecer a história, me ocupar da história, ler. Eu sou formado. Estudei História e Filosofia e isso me ajudou no conhecimento da história e também, em um certo sentido, a considerar a História, como se sucedeu de fato a visão que eu tenho do medieval, de maneira diferente daquela que se ensinam nas escolas. De fato houve também muito debate. As universidades me chamaram para dizer coisas que eles não concordavam. Em suma a História e a Filosofia me ajudaram. Eu li autores franceses, mas na Itália há também muitos autores. Mas eu li poemas de hoje que eram caricaturas dos antigos poemas cavaleirescos, dos quais também tiramos personagens.*

**P: No filme Boccaccio'70, o episódio dirigido pelo Sr., "Renzo e Luciana", é baseado num conto de Ítalo Calvino...**

*R: Não é baseado. Tem a haver com Ítalo Calvino, que participou do roteiro. Mas não é baseado num conto de Ítalo Calvino. É baseado num autor que é Solinas. Calvino participou escrevendo o roteiro, junto a um outro escritor que é ... não*

*me recordo. Fez o roteiro, mas o argumento não era seu. Ele ajudou em “Renzo e Luciana”, junto com muitos roteiristas.*

**P: O Sr. trabalhou com Ítalo Calvino em outras oportunidades?**

*R: Sim, também em “Guardie e Ladri”. Não sei se você conhece. Depois trabalhamos em um filme que não foi realizado, sobre Marco Pólo. Mas não aquele Marco Pólo. Queria fazer um filme que refizesse a viagem de Marco Pólo hoje, para ver o que mudou hoje de todo aquele mundo, aquele trajeto, aquilo que contava Marco Pólo no seu livro que é um saco de mentiras.*

**P: O Sr. pode falar um pouco de alguns filmes?**

**I Soliti Ignoti:**

*R: É um filme que fizemos porque havia saído nos EUA um outro filme que teve um grande sucesso em todo o mundo e também na Itália, que se chamava “Rififi” de Jules Dassin, um filme ambientado nos EUA, um belíssimo filme, que tinha um bando que fazia um assalto. Era um filme sério, um “giallo”, um assalto a um banco, com violência, muito sério. Então nós fizemos uma caricatura deste filme na Itália dos italianos, assim desesperados, sem dinheiro e, assim queríamos fazer uma coisa que mostrasse um grupo de incapazes, que não estavam a altura do golpe. Uma empreitada falida, donde nasce a diversão.*

**La Grande Guerra:**

*R: É um pouco a mesma coisa. É sobre duas personagens. Sim temos todos os soldados, mas tem dois principais que não querem ir a guerra, aquele tipo de gente que quer escapar. E depois no fim, quando são forçados a comportar-se de uma certa maneira, se tornam mais covardes do que parecem. É um pouco tirado de um conto francês.*

**P: É um filme sobre a I Guerra. É difícil encontrar um filme sobre a I Guerra...**

*R: Há bastante filmes, aquele filme de...(tenta lembrar) Mas foram feitos filmes. Não muitos.*

**P: Mas não filmes cômicos...**

*R: Ah! Sim. Cômicos não. Mas é uma commedia all'italiana. E se chama commedia all'italiana porque trata de maneira cômica argumentos, temas que não são cômicos. O tema, o argumento não é cômico, mas é visto com um olho humorístico, um olho irônico. Quase todos os temas da commedia all'italiana são assim.*

**P: O Sr. sabe quem criou este rótulo commedia all'italiana?**

*R: Os críticos italianos. Para desprezar. Era chamada assim aqui por 15 anos. Era considerada lixo. Porém teve muito sucesso, a commedia all'italiana, nos primeiros anos dos 50, de 48 até os anos 60. A crítica a desprezava muito, entretanto fazia muito sucesso junto ao público. E se dizia all'italiana para dizer coisas assim, depois tornou-se um título de gênero. As coisas mudam.*

**I Compagni:**

*R: Um grupo de operários que, para melhorarem sua situação, procuram fazer alguma coisa para fazer uma greve. Inventam essa coisa para melhorarem sua situação. E tudo se desenrola numa greve, mas ela também falha. Serve para entender como se devem desenvolver as coisas, para dar uma idéia do porque se combatem essas batalhas e também para fazer rir, porque são sempre empresas muito maiores do que as personagens são capazes de fazer, então falham quase todas. Veja que o argumento não é cômico, é antes mesmo dramático, trágico, porém o desenvolvimento é cômico, da commedia all'italiana. Na Itália fazemos assim. Todos os temas da commedia all'italiana devem ser sérios.*

**Brancaleone alle Crociate:**

*R: É uma continuação, seqüência. Como o primeiro filme foi muito bem, os produtores quiseram fazer uma seqüência. Eu não queria fazer. Depois de sete anos eu fiz. Eles insistiram tanto que eu fiz, mas não fiz por gosto.*

**P: Há alguma ligação entre a Morte que aparece em “Brancaleone alle Crociate” e a Morte do filme de Ingmar Bergman – “O 7o Selo”?**

*R: Tem ligação, porque tem a Morte. Todo filme que tem a Morte no meio tem ligação, mas ligação não tem. A Morte é sempre igual para todos. A maneira como é representada, mais ou menos, é sempre igual.*

**P: Mas essas imagens de cavaleiros medievais e da Morte? Não foi intencional fazer uma caricatura do filme de Bergman?**

*R: Não, Não, daquele não. Filmes sobre a Morte, sobre cavaleiros foram feitos tantos. Aquilo foi feito porque era uma continuação de L'Armata Brancaleone e as personagens eram aquelas, eram cômicas e então também a Morte deveria ser um pouco assim. Fazer um combate, uma batalha. Brancaleone trava uma batalha com a Morte. Um pouco fantástica.*

**P: Tem uma relação um pouco mais mística, mais religiosa em “Brancaleone alle Crociate”, porque mostra o Papa, a Feiticeira...**

*R: Sim, mas era contra a religião, contra o catolicismo. Tanto é verdade que tive problemas com a igreja, com os cardeais. Para ter permissão de estréia foi um pouco difícil. Era também intenção colocar no ridículo a igreja, as cruzadas os papas, um pouco de tudo.*

**P: Havia também o antipapa...**

*R: Sim, o antipapa, a morte...*

**Amici Miei e Amici Miei - atto II**

*R: É um filme que fizemos com toscanos. Com amigos meus, toscanos, com quem sempre trabalhamos. Aquelas histórias que se contam, são todas histórias que se contavam, que nós ouvíamos contar dos amigos e que se contavam nas cidades, Firenze, etc. Então, nós tínhamos os contos e filmamos.*

*Amici Miei – atto II, fizemos por causa do sucesso do primeiro. E encontramos outras histórias, algumas inventadas, mas poucas. Muitas são verdadeiras, quer dizer não são verdadeiras, mas são contadas, se contavam estas histórias. Essas histórias entre amigos, nas cidades, eram histórias que se contavam. E*

*nós recolhemos e fizemos. Algumas inventadas, mas a maior parte era o que se contava nas cidades.*